

Poderes em conflito: mudanças e querelas no sacerdócio menfita de Ptah no Egito romano

Powers in conflict: changes and disputes on menphite priesthood of Ptah in Roman Egypt

Renato Pinto*

Victor Braga Gurgel**

Resumo: Neste estudo, abordaremos as principais narrativas sobre as mudanças ocorridas no sacerdócio menfita de Ptah, no Egito de inícios do Período Romano. A morte enigmática do jovem sumo-sacerdote menfita Imhotep/Padibastet IV, o último de sua linhagem, dois dias antes da entrada de Augusto em Alexandria, é comumente interpretada como consequência da atitude deste último, embora recentemente essa visão tenha sido contestada, atribuindo sua responsabilidade a querelas internas das próprias famílias de pontífices menfitas. Primeiramente, buscaremos compreender as estratégias empregadas por Roma, de modo geral, e por Otaviano, em particular, na busca pela contenção/controlar/diminuição de prestígio político-social-econômico do clero. Logo após, mostraremos a provável influência da família clerical nestes acontecimentos.

Abstract: In this study, we will address the main narratives about the changes that occurred in the high priesthood of Ptah from Memphis, in the Early Roman Period. The enigmatic death of the young Memphite high priest Imhotep/Padibastet IV, the last of his lineage, two days before Augustus's entry into Alexandria, is commonly interpreted as a deed of the latter, even though recently this view has been challenged, attributing its responsibility to quarrels internal to the family of Memphite pontiffs themselves. Firstly, we will seek to understand the strategies employed by Rome, in general, and by Octavian in particular, in the search for the suppression/ control/reduction of the political-social-economic prestige of the clergy. Soon after, we will show the likely influence of the clerical family on these events.

Palavras-chave:

Egito romano;
Egito ptolomaico;
sumo-sacerdotes
menfitas de Ptah;
Augusto.

Keywords:

Roman Egypt;
Ptolemaic Egypt;
High priests of
Ptah at Memphis;
Augustus.

Recebido em: 20/05/2024
Aprovado em: 11/06/2024

* Professor Associado de História Antiga da Universidade Federal de Pernambuco.

** Mestre (2020) e licenciado (2017) em História pela Universidade Federal da Paraíba.

Os primeiros governos do Egito, no chamado Período Ptolomaico, no terceiro século a.C., foram marcados pela força e robustez do ponto de vista político, militar e econômico. Concomitantemente, as coroações de seus reis foram realizadas “à macedônica”, por meio da aclamação militar pública (*anakleteria*). Em um contexto em que os Lágidas buscavam afirmar-se internacionalmente perante outros reinos macedônicos,³ a utilização de uma tradição comum entre todos eles constituía-se numa excelente ferramenta de legitimidade política (Sales, 2013, p. 307).

No segundo século a.C., a dinastia lágida começou a dar sinais de enfraquecimento, já no governo de Ptolomeu V Epifânio (205-180 a.C.), que foi marcado pela intensificação dos problemas sociais existentes no Delta e por revoltas em Alexandria, ao mesmo tempo que enfrentava a Quinta Guerra Síria, contra Antíoco III (202-195 a.C.), cujo resultado foi a perda de extensos territórios.

Em continuação a essa tendência, no primeiro século a.C., o governo de Ptolomeu XII Neos Dionisos “Auleta” (80-50 a.C.) deixava claro que os Ptolomeus não possuíam mais a mesma força que antes. Em um contexto internacional, a Casa Real Lágida estava sendo cada vez mais controlada por Roma: sua chegada ao trono ptolomaico não foi apoiada pelo povo do Lácio, levando Auleta a gastar imensas somas de dinheiro em busca do apoio político deste povo, até que, em 58 a.C., vinte e dois anos após sua chegada ao poder, é, enfim, reconhecido como *amicus et socius populi Romani*. A esta altura, o monarca era um títere dos interesses romanos no Mediterrâneo.

Um elemento comum entre estes dois reis do Egito foram as suas coroações “à egípcia”,⁴ pela primeira vez empregadas durante a dinastia ptolomaica, para angariar maior capital político interno e externo ao Egito. Realizadas tradicionalmente, há milênios, pelo sumo-sacerdote menfita de Ptah,⁵ estas coroações podem ser interpretadas como uma tentativa de resposta à crescente influência de Roma sobre o Egito, no intuito de reforçar a legitimação do cada vez mais enfraquecido poder ptolomaico.

Em contraposição a outros sacerdócios, o de Mênfis apoiou ativamente a Casa Real Lágida, em uma troca de favores que beneficiou ambas as esferas de poder. Um exemplo do apogeu desta troca de favores encontra-se em Pasherientah III (76-41 a.C.), sumo-sacerdote menfita que recebeu o seu título diretamente das mãos do monarca Ptolomeu XII, em Alexandria:

³ Nome dado à longa dinastia macedônica que dominou o Egito por três séculos, iniciando-se com Ptolomeu I Sóter (305-282 a.C.), filho de Lagos – daí a proveniência do vocábulo “Lágida” – e terminando com Cleópatra VII Téa Filopátor (52/1-30 a.C.).

⁴ Ptolomeu V Epifânio chegou a ser coroado “à egípcia” duas vezes: a primeira, em 196 a.C., e a segunda, em 187 a.C.

⁵ Em egípcio, *wr xrpw Hmwt*, traduzido como “Maior dos Diretores dos Artesãos” (Maystre, 1992, p. 4-13).

O rei do Alto e do Baixo Egito, Senhor das Duas Terras, o deus Filopátor Filadelfo, o Jovem Osíris, filho de Ré, Senhor dos Diademas, ordenou que me fosse concedido o alto ofício de Maior dos Diretores dos Artesãos [i.e., sumo-sacerdote menfita de Ptah], tendo eu oito anos de idade [...]. O rei do Alto e do Baixo Egito, Senhor das Duas Terras, o deus Filopátor Filadelfo, o Jovem Osíris [...] cingiu a minha fronte com o glorioso diadema de ouro e com todo o tipo de pedras preciosas genuínas, estando a efígie real no meio delas. Tornei-me o seu profeta. Ele emitiu um decreto real para as cidades do nomo [menfita] dizendo: 'Eu fiz do Maior dos Diretores dos Artesãos Pasherientpah, justificado, o meu profeta, e o concedi o rendimento dos templos do Alto e do Baixo Egito por numerosos anos' (Reymond, 1981, p. 148, prancha X).⁶

É perceptível o desejo do pontífice de expressar a sua relação próxima com o soberano, do qual conseguiu privilégios negados aos seus antecessores, como as doações de presentes luxuosos pelo rei, a já mencionada condução ao cargo de sumo-sacerdote pelo próprio monarca, e a sua instalação em Alexandria. Podemos interpretar este último aspecto como uma cessão política por parte de Mênfis, que, neste caso em específico, deixou de ser o local do estabelecimento ritualístico do pontífice.⁷

Por outro lado, os sumo-sacerdotes em questão caracterizavam-se como uma casta autóctone, rica e poderosa,⁸ que possuía contato direto com o soberano e chegava a influenciar politicamente os governantes estrangeiros. Assim, a relação preexistente entre o soberano lágida e o sacerdócio menfita de Ptah se intensifica durante esta fase, de modo que os reis que sucederam a Ptolomeu V Epifânio também teriam sido coroados seguindo essa prática,⁹ em paralelo à *anakleteria* macedônica. O próprio Ptolomeu XII Neo Dioniso "Auleta" foi coroado nesta modalidade pelo sumo-sacerdote Pasherentpah III:

Fui eu quem colocou o colar ornamental da *uraeus* sobre o rei [...]. Fui eu quem conduziu todos os ofícios ocultos (do olho público). Fui eu quem estabeleceu as normas para a lustração do deus na hora do nascimento divino de Ré na Mansão Dourada (Reymond, 1981, p. 148, prancha X).¹⁰

José das Candeias Sales (2013, p. 312) interpreta esta coroação "à egípcia" de Ptolomeu XII como uma "atitude desesperada" deste monarca, frente à perda de capital

⁶ De acordo com a estela hieroglífica *BM EA 886*. Tradução e adendos nossos.

⁷ O próprio texto da estela de Pasherientpah III, no entanto, menciona a visita de Ptolomeu XII a Mênfis, o que reforça a ideia de uma troca estabelecida entre estes dois poderes (sacerdócio-Casa Real Lágida).

⁸ Tendo em conta que, no Egito antigo, o poder do sacerdócio era medido por meio da quantidade de terras que se controlava, e baseando-se no *Papiro Harrys*, datado no Reino Novo (1550-1070 a.C.), Dorothy Thompson (1988, p. 107) estima que os templos de Mênfis possuíam uma quantidade substancial de terras no Período Ptolomaico, embora fosse menor se comparado com Tebas, no Sul.

⁹ Como Ptolomeu VI Filométor (180-145 a.C., coroado em 172/171 a.C.); Ptolomeu IX Sóter II (117-108 a.C., coroado duas vezes, em 116 a.C. e em 86 a.C.); e o mencionado Ptolomeu XII Neos Dionisos "Auleta" (80-50 a.C., coroado em 76 a.C.) (Sales, 2013, p. 311-313).

¹⁰ Estela hieroglífica *BM EA 886*. Tradução e adendos nossos.

político próprio, bem como de sua dinastia. Sua filha e sucessora, Cleópatra VII Téa Filopátor (52/51-30 a.C.), com seus envolvimento com Júlio César e Marco Antônio, sinalizou a derradeira tentativa de manutenção da Casa Real Lágida frente a Roma. A Batalha do Ácio (2 de setembro de 31 a.C.), o posterior suicídio de Cleópatra e Marco Antônio, e a entrada de Otaviano em Alexandria (30 a.C.), marcam o fim da dinastia ptolomaica e dos faraós como instituição.

No entanto, dois dias antes da entrada de Otaviano no Egito, o sumo-sacerdote menfita de Ptah e último representante da linhagem sacerdotal principal no poder desde Ptolomeu II Filadelfo (282-246 a.C.), Imhotep/Padibastet IV,¹¹ então com dezesseis anos, morre repentinamente. Seu falecimento foi conveniente demais para Roma para ser interpretado como uma coincidência, já que, por meio da morte do sacerdote, foi eliminada qualquer possibilidade de resistência por parte desta elite egípcia autóctone, tradicionalmente responsável pela legitimação do poder naquele território. Outro elemento curioso foi a demora incomum para o sepultamento de Imhotep/Padibastet IV, que só ocorreu em 9 de abril de 23 a.C., quase sete anos após sua morte, evento desenrolado junto ao enterro de sua tia materna, Taneferhor.¹²

Pasherienamum II,¹³ seu primo por parte de mãe, é indicado como sucessor no cargo de sumo-sacerdote menfita de Ptah, provavelmente pelas mãos do prefeito Élio Galo. No novo contexto político, ele passa a assumir prerrogativas inéditas para o seu cargo, como notamos através da assunção do título de *profeta do filho de César* (*Hm kysrs*, em egípcio), ficando responsável, na condição de sacerdote, pelo culto imperial.¹⁴

É nessa conjuntura conturbada que as relações entre os romanos e as elites egípcias autóctones começam a ser estabelecidas. Tendo em vista tais considerações, principalmente as nubladas circunstâncias em que Imhotep/Padibastet IV faleceu, abordaremos três correntes historiográficas sobre este momento singular nas mudanças de poder no Egito daquele período. Para tanto, faz-se necessário compreendermos a conjuntura política do momento, bem como suas interferências nas atividades do sacerdócio egípcio.

¹¹ Conforme consta na estela hieroglífica e demótica *BM EA 188* (Reymond, 1981, p. 214-221, prancha XVI).

¹² De acordo com a estela hieroglífica *BM EA 184* (Reymond, 1981, p. 223-230, prancha XVII).

¹³ Até o presente momento, não se descobriu a estela deste sumo-sacerdote, que, no entanto, é mencionado na estela hieroglífica *BM EA 184*, pertencente a Taneferhor (Reymond, 1981, p. 231-235).

¹⁴ O culto imperial pode ser entendido como uma continuidade, sob uma nova forma, do culto ao soberano divinizado praticado no Egito ptolomaico, iniciado por Arsínoe II e seu irmão-esposo divinizado, o faraó Ptolomeu II Filadelfo (Capponi, 2011, p. 513; Quaegebeur, 1971a; 1971b). A seguir, abordaremos com mais detalhes em que consistiu esse culto.

Mudanças no sacerdócio egípcio

Após dominar efetivamente o Egito, Augusto implementa uma série de mudanças no país, muitas das quais afetam o sacerdócio como um todo. Primeiramente, o prefeito do Egito passou a ser a autoridade suprema em assuntos religiosos, ao invés dos sacerdotes egípcios. Oficiais ptolomaicos que atuavam como “supervisores dos templos” (*epi ton hieron*), parecem desaparecer, cedendo lugar aos “presidentes dos sacerdotes” (*epistatai ton hieron*). Nas categorias sacerdotais de menor escalão, há uma manutenção de suas posições sociais, como no caso dos *prophetai pastophoroi* (os guardas do templo, com um *status* menor do que o dos sacerdotes); os *stolistai* (ou *estolistas*, responsáveis por adornar as estátuas do deus); os embalsamadores; além da divisão tradicional dos sacerdotes em cinco tribos.¹⁵

O código legal chamado *Gnomon do Idios Logos* também estabeleceu uma série de mudanças que afetaram o sacerdócio egípcio,¹⁶ como, por exemplo, o estabelecimento da compra do cargo de sacerdote e a inclusão do clero egípcio no censo e na taxaço.

Uma inovação fundamental estabelecida por Augusto para o Período Romano foram os privilégios sociais, fiscais e legais garantidos às elites alexandrinas e gregas, em troca de seus deveres oficiais e magistraturas (Capponi, 2011, p. 512). A cidadania romana passou a ser concedida a todo aquele que dispunha do etnônimo “grego”, fazendo ressurgir adormecidas questões étnicas no Egito (Vasques, 2005, p. 5-8; 22-24). Nesse sentido, foi criado o cargo de *sumo-sacerdote imperial*, sendo o seu ocupante proveniente dos estratos mais elevados da sociedade alexandrina. Desse modo, os poderosos sumo-sacerdotes menfitas de Ptah perdem sua influência na política egípcia. Abordaremos, a seguir, duas vertentes relativas ao modo como ocorreu essa perda de influência logo após a invasão do Egito por Augusto, em 30 a.C.

¹⁵ Os sacerdotes eram inicialmente organizados em quatro tribos (em grego, *phylai*), que se revezavam nas funções ritualísticas dos templos. Cada *phylai* gerenciava o serviço religioso durante um mês, passando a incumbência para a próxima no mês seguinte. Após cumprir suas obrigações, a tribo que já havia realizado seus serviços se dedicava a outros interesses. No Período Ptolomaico, uma quinta tribo foi criada. Cada tribo era liderada por um chefe tribal (*phylarch*) (Sauneron, 1960, p. 69-70).

¹⁶ O *Gnomon de Idios Logos* era um código de regulação que consistia em várias regras relevantes para os assuntos das regulações privadas ou especiais, preservado em dois papiros (*BGU V 1210*, séc. II d.C.; *P. Oxy. XLII 3014*, séc. I d.C.) (Speidel, 2015, p. 3390).

Assassinato a mando de Roma ou questões familiares na linhagem dos sumo-sacerdotes menfitas?

Uma das fontes sobre o sumo-sacerdote menfita de Ptah Imhotep/Padibastet IV, que morreu misteriosamente em 30 a.C., dois dias antes da entrada de Augusto em Alexandria, é uma estátua naófora,¹⁷ encontrada em Cesareia, atual Cherchel, na Argélia, antiga capital do reino de Juba II (52-23 a.C.). Uma hipótese para explicar o estranho fato de ter sido encontrada em um reino do norte de África foi cunhada por Eve Reymond (1981), em sua tese de doutorado intitulada *From the records of a Priestly family from Memphis*. Para a autora, não se pode deixar de analisar o aparecimento de uma figura egípcia tão proeminente na Mauritânia romana. Juba II casou-se com Cleópatra Selene II (40-6 a.C.),¹⁸ filha de Cleópatra VII Téa Filopátor com Marco Antônio. Tanto Juba II quanto Cleópatra Selene II possuíam um passado em comum. Ambos desfilaram em Roma como prisioneiros de guerra – ele, sob Júlio César, e ela, sob Otaviano –, além de terem perdido seus pais em conflitos e terem sido educados à maneira romana.

Padibastet I, provável filho de Harimuthis e Harankh, era casado com Berenice, a filha mais velha de Padibastet II – portanto, irmã mais velha de Imhotep/Padibastet IV, o que faz de Padibastet I o seu cunhado. De acordo com a estela funerária de Berenice,¹⁹ Padibastet I pode ter vivido após a morte de sua esposa, o que indica que poderia estar vivo durante a invasão romana do Egito. Para Reymond (1981, p. 212), não seria estranho

¹⁷ São estátuas que representam indivíduos carregando ou apresentando a figura de uma divindade entronizada em um *naos* (um santuário), sugerindo uma relação próxima com a divindade. Esse tipo de representação se tornou muito comum no Egito desde a XVIII Dinastia do Reino Novo até o Período Ptolomaico (1550-30 a.C.), época em que viveu Imhotep/Padibastet IV. A posição do *naos* podia variar: poderia ser segurado por um estandarte, apoiado no chão e sustentado pelo topo pelo indivíduo representado, ou carregado diretamente nas mãos do indivíduo, sem suporte adicional (Selim, 1990, p. 201-202). A estátua em questão pertencia a Imhotep/Padibastet IV. Não conseguimos localizar as suas informações catalográficas. Solicitamos esta informação junto ao Museu Público Nacional de Cherchel, e, até o momento de submissão deste artigo, não obtivemos resposta.

¹⁸ Reymond (1981, p. 211) baseia-se na perspectiva de Isidore Lévy (1913, p. 81), que associa o casamento de Juba II com Cleópatra Selene II ao deslocamento da estátua de Imhotep/Padibastet IV para a Mauritânia. Quaegebeur (1972, p. 83, n. 25), em um primeiro momento, concorda com as proposições de Lévy (1913), referenciadas por Reymond (1981, p. 211), incluindo a identificação da estátua como pertencente a Imhotep/Padibastet IV (identificado como “Pétoubastis III”, na genealogia corrente à época da publicação deste artigo). Posteriormente, porém, Quaegebeur (1980, p. 61-63) realiza uma análise mais detalhada das inscrições da estátua, conectando a genealogia nela presente às das estátuas *Alexandria 27806 e 17533-17534*. Essa nova interpretação parte do significado da palavra *sA* (*sá*, “filho”, em egípcio) e da ausência do título de honra *mAa-xrw* (*maa-heru*, “justo de voz” ou “justificado”, em egípcio) após os nomes dos pais do pontífice. Para Quaegebeur (1980, p. 57-59; 61-63), essa ausência indica que os pais do pontífice ainda estavam vivos no momento da redação da estela. Com base nisso, conclui-se que o pontífice representado não é Imhotep/Padibastet IV, mas sim Padibastet I (ou II, conforme a cronologia vigente à época), casado com Berenice. Embora reconheçamos a relevância e o embasamento deste ponto de vista, ele não interfere nas conjecturas apresentadas a seguir. Isso ocorre porque tanto essa perspectiva quanto as demais abordadas posteriormente – relacionadas a Imhotep/Padibastet IV e às fontes históricas associadas –, permanecem no campo das hipóteses. Nosso objetivo, ao final deste artigo, será amalgamá-las, promovendo um avanço no debate sobre o tema.

¹⁹ Estela funerária *BM EA 392*, escrita em demótico (Reymond, 1981, p. 194-205).

que ele seguisse o rumo da família real, na figura de Cleópatra Selene II, e fugisse para a Mauritânia, levando consigo objetos de memória de valor ritualístico, como uma estátua naófora do último sumo-sacerdote menfita de Ptah, Imhotep/Padibastet IV. Reymond afirma que Antônio possuía alguma responsabilidade no desaparecimento do jovem pontífice, pelo que seria compreensível que Padibastet I levasse estas “lembranças” consigo, tirando das mãos de Antônio qualquer possibilidade de erradicar a memória de sua família (Reymond, 1981, p. 212).²⁰

Uma perspectiva mais recente, que concorda com a agência de Augusto no desaparecimento do último pontífice de Ptah, é a de Livia Capponi (2011).²¹ Evidências arqueológicas e textuais indicam que Augusto instituiu um culto para si no *Kaisareion* de Alexandria, logo após a conquista do Egito (30 a.C.) (Capponi, 2011, p. 513). Ainda no Período Ptolomaico, este templo foi construído por Cleópatra VII Téa Filopátor em honra a Júlio César, sendo posteriormente transformado em um cenotáfio para Antônio. Foi dedicado a Augusto Epibaterio, o *protetor dos marinheiros*, tendo se localizado provavelmente próximo ao mar. Além deste aspecto marítimo, o santuário possuía uma importância administrativa, pois era o local onde os juramentos imperiais eram pronunciados, testamentos abertos e as leis romanas eram guardadas. Os pontífices responsáveis pelo culto de Augusto residiam nas cidades gregas de Ptolemais e Alexandria; eram vinte em número, e possuíam títulos puramente honoríficos, o que significa que faziam parte apenas do sistema da corte, mas não da administração.

O poder político não estava, porém, na mão desses sacerdotes, e sim na dos sumo-sacerdotes menfitas de Ptah, que exerciam controle sobre muitos templos egípcios, bem como sobre seus sacerdotes.²² Livia Capponi (2011, p. 515), ao se referir à morte prematura e misteriosa do sumo-sacerdote menfita de Ptah, Imhotep/Padibastet IV (30 a.C.), atribui inteiramente ao imperador a responsabilidade pelo ocorrido. Além disso, a autora afirma que Augusto teria escolhido como sumo-sacerdote Pasherenamun II,²³ o primo do falecido pontífice, pelo fato de este ser mais fácil de controlar. De acordo com Capponi (2011, p. 515), “está claro que Otaviano se livrou do primeiro sumo-sacerdote, uma figura perigosa

²⁰ “[...] para mantê-la [a estátua] em um local seguro, fora do alcance de Otaviano, que parece ter tido alguma responsabilidade na eliminação de Petobastis” (Reymond, 1981, p. 212; *adendos e tradução nossos*).

²¹ No entanto, Capponi (2011, p. 507-528) sequer menciona a hipótese de Reymond (1981, p. 211) acerca do deslocamento da estátua de Imhotep/Padibastet IV para a Mauritânia como evidência de que haveria conflitos no seio da família de pontífices menfitas, no contexto recente de estabelecimento do poder romano.

²² No início do Período Ptolomaico, Ptolomeu II Filadelfo instituiu várias mudanças no sacerdócio menfita de Ptah, dentre as quais a criação do título de “sumo-sacerdote de todos os deuses e deusas do Egito e chefe de todos os profetas do Egito”, colocando sob a tutela do sumo-sacerdote o comando de todos os templos e sacerdotes egípcios (Gorre; Honigman, 2013, p. 111).

²³ Filho de Taneferhor com seu irmão-esposo Pasherenamun I.

na medida em que era o foco potencial para a revolução, após a conquista romana, e o substituiu por uma figura mais controlável (o novo sumo-sacerdote era apenas um garoto)".²⁴ Capponi, então, situa esse acontecimento no interior das mudanças realizadas por Otaviano para dominar o sacerdócio egípcio, considerado uma ameaça devido à possibilidade de iminentes insurreições autóctones contra o novo comando. Este pontífice não exerceu o sacerdócio por muito tempo, pois faleceu sete anos após sua assunção ao cargo de sumo-sacerdote (23 a.C.).

Capponi (2011, p. 515) defende que, em 23 a.C., teria sido criado o cargo de sumo-sacerdote do culto imperial,²⁵ que estava conectado às elites gregas alexandrinas. Contrariando a visão corrente dos estudiosos modernos, a qual indica que este cargo teria sido criado por Adriano, para supervisionar os templos do Egito, Capponi, com base em evidências externas ao Egito, afirma que Augusto é quem teria sido o responsável pela sua criação.

Assim, para Capponi (2011, p. 515), a família dos sumo-sacerdotes menfitas de Ptah consistia em um incômodo obstáculo, facilmente tirado do caminho de Augusto por ele mesmo, tendo em vista suas ambições não só de controlar a terra do Nilo, fonte preciosa de trigo para Roma, como, também, de estabelecer um culto a si próprio. Logo, duas questões importantes para Augusto foram resolvidas de uma só vez.

Alguns anos depois, esta visão foi contestada por Nenad Marković (2015). Para ele, é importante observar as relações familiares do sacerdócio menfita para compreender melhor certas nuances sobre este período tão delicado da história egípcia, assim como para saber quem estava por trás do assassinato de Imhotep/Padibastet IV. Socorrendo-se de estelas funerárias relativas aos pontífices menfitas de Ptah, datadas do final do Período Ptolomaico, o autor nos leva a observar algumas questões não notadas por egiptólogos que se debruçaram sobre as mesmas fontes (Gorre, 2009; Maystre, 1992; Quaegebeur, 1972, 1974; Raymond, 1981).

Houve duas linhagens familiares que se revezaram na ocupação do cargo de sumo-sacerdote menfita de Ptah. Possuíam grande proximidade, chegando a firmar laços de casamento entre seus membros. Durante quase toda a dinastia ptolomaica, o ramo principal ocupou o cargo sacerdotal máximo em Mênfis. Além desta cidade, a segunda linhagem possuía poder político e religioso, principalmente em Letópolis.²⁶ Em um contexto de troca de poderes, as fronteiras políticas ficam mais diluídas, o que se torna

²⁴ Tradução nossa.

²⁵ O título completo do cargo era algo semelhante a "sumo sacerdote do deus Augusto e do grande Serapieion e responsável pelos templos e altares e pelos bosques sagrados que estão em Alexandria e por todo o Egito", comumente abreviado como "sumo-sacerdote de Alexandria em todo o Egito".

²⁶ Em egípcio, *Khem*; era a capital de *Khensu*, o segundo nomo do Baixo Egito.

ainda mais evidente durante períodos turbulentos, como aquele durante a batalha de Ácio e os posteriores suicídios de Cleópatra VII e Marco Antônio.

Marković (2015, p. 37-48), então, defende a hipótese de que o segundo ramo da família de sumo-sacerdotes menfitas enxergou esse momento como uma oportunidade de chegar ao poder religioso principal, que, como vimos, não se restringia apenas a Mênfis, mas ao Egito como um todo, já que o pontífice possuía o título de “sumo-sacerdote de todos os deuses e deusas do Egito e chefe de todos os profetas do Egito”.

Durante o Período Ptolomaico, o título de pontífice menfita era hereditário. Após o falecimento de Pasherentah III (41 a.C.),²⁷ seu filho, Imhotep/Padibastet IV, já abordado acima, possuía apenas cinco anos de idade, o que o impedia de assumir o cargo. Tendo em vista esta vacância, Marković (2015, p. 43) sugere que Pasherenamun I teria ocupado o ofício.²⁸ Ele era irmão de Taimhotep, mãe de Imhotep/Padibastet IV e esposa do falecido Pasherentah III. Taneferhor era irmã de Taimhotep e de Pasherentah I, de quem também era esposa.

O pai de Pasherenamun I, Kahapy, tinha muitos ofícios importantes, tanto em Mênfis quanto em Letópolis, porém conseguiu atingir uma importância maior no escalão sacerdotal após o casamento de sua filha, Taimhotep, com Pasherieptah III, o sumo-sacerdote, em 58 a.C. Este caso é um dos exemplos das intrincadas relações familiares e políticas entre as duas linhagens de sumo-sacerdotes menfitas de Ptah. Como já mencionamos, Imhotep/Padibastet IV era muito novo para ocupar o cargo de sumo-sacerdote. Logo, seu tio Pasherenamun I provavelmente passou a ocupar o posto até a sua morte, que, supostamente, ocorreu antes da assunção de Imhotep/Padibastet IV como sumo-sacerdote, em 39 a.C., quando este tinha apenas sete anos e dez dias.

Para Marković (2015, p. 43-44), após o falecimento de Pasherenamun I, o segundo ramo da família de sumo-sacerdotes menfitas, encabeçado por Taneferhor, sua irmã-esposa, parece ter tido proeminência. Uma das filhas de Pasherenamun I e Taneferhor, chamada Taibastet, já possuía a proeminente posição de “Grande Esposa do Deus de Ptah”,²⁹ a partir de 44/43 a.C., o que reforça esta perspectiva. Assim, segundo Marković (2015, p. 43-44), Taneferhor teria controlado as decisões políticas de Imhotep/Padibastet

²⁷ Conforme as informações que constam em Reymond (1981, p. 136-160; 160-164, prancha X).

²⁸ É provável que Pasherenamun I tenha sido o sucessor de Pasherieptah III. Infelizmente, sua estela funerária e outros documentos relativos a este indivíduo não chegaram até nós. Conhecemos sua existência através da estela funerária de sua irmã-esposa, Taneferhor (*BM EA 184*) e da estátua de seu irmão, Imhotep (*Museu Pushkin I.1.a.5351*) (Marković, 2015, p. 43).

²⁹ Esse título parece ser uma herança do antigo título de “Esposa de Amon”. As sacerdotisas de Amon que o portavam detinham grande poder no Egito durante as Dinastias XXIII-XXVI (Líbia, Núbia e Saíta), desempenhando um papel central na implementação das políticas de seus pais (Thompson, 1988, p. 143-144; Marković, 2015, p. 44, nota 31).

IV, devido à sua tenra idade.³⁰ O seu irmão, Imhotep, foi o autor das estelas funerárias dos pais do jovem sumo-sacerdote, Pasherientpah III³¹ e Taimhotep.³²

Otaviano pode ter sido informado da situação complicada em Mênfis mesmo antes de ter chegado lá,³³ embora não haja evidências que suportem essa afirmação (Marković, 2015, p. 44). Um fato que corrobora nesse sentido é o enterro de Imhotep/Padibastet IV, que, de maneira anormal, ocorreu sete anos após o seu falecimento, juntamente com o de sua tia materna e provável co-regente, Taneferhor. Os rituais de sepultamento dos dois foram efetuados por Pasherenamun II, que assumiu o cargo de pontífice menfita após a morte de Imhotep/Padibastet IV, e que tinha plenos poderes para efetuar o funeral de seu primo Imhotep/Padibastet logo no início de seu mandato, o que torna muito estranho o fato de não o ter realizado antes.

Outro fato que aponta nesta direção é o ritual de re-sacralização, efetuado por Pasherenamun II, tanto no templo principal de Mênfis (Reymond, 1981, p. 230),³⁴ dedicado a Ptah, quanto em seus santuários anexos, ação interpretada por Marković (2015, p. 41) como provável indício de que algo perturbador ocorreu no interior daqueles muros.

Marković (2015, p. 44) afirma que o grande atraso no sepultamento de Imhotep/Padibastet IV tem de ser visto no contexto da invasão romana, comparando-o com o atraso de um ano e meio no enterro do touro Ápis após a invasão persa do Egito, em c. 526 a.C. As cerimônias funerárias conjuntas de Imhotep/Padibastet IV com a sua tia materna Taneferhor são, para Marković (2015, p. 44-45), uma forte indicação de que tenha ocorrido um conflito familiar. Com o falecimento de Taneferhor, não havia ninguém para se opor ao enterro de Imhotep/Padibastet IV, acontecimento importante na concepção egípcia da vida/morte.

Considerações finais

A falta de evidências concretas sobre a morte de Imhotep/Padibastet IV – indivíduo que, apesar de jovem, ocupou uma posição estratégica dentro dos jogos de poder do Egito, no final do Período Ptolomaico e no início do Período Romano –, torna possível apenas a elaboração de conjecturas acerca do que teria motivado este acontecimento. A

³⁰ Sua mãe, Taimhotep, falecida em 42 a.C., e sua irmã mais velha, Berenice, já estavam mortas nessa época. De acordo com Raymond (1981, p. 202), a morte de Berenice indica circunstâncias também estranhas, já que duas de suas filhas foram enterradas com ela.

³¹ Estela funerária *BM EA 886* (Raymond, 1981, p. 148, prancha X).

³² Estelas funerárias *BM EA 147* e *BM EA 377* (Reyomond, 1981, p. 165-194, pranchas XII-XIII).

³³ Oficiais romanos estariam estabelecidos no Egito antes mesmo de sua conquista formal pelos romanos (Legras, 2014, p. 272-274).

³⁴ Estela funerária *BM EA 184* (Raymond, 1981, p. 230, prancha XVII).

partir das três perspectivas apresentadas, respectivamente, por Reymond (1981), Capponi (2011) e Marković (2015), observamos que cada uma delas se fundamenta em fontes históricas distintas, sem que isso as torne mais ou menos importantes.

Se considerarmos verídico o desejo de Augusto de estabelecer um culto para si, conforme indica Capponi (2011, p. 515-516), isso nos permite elucubrar que ele possuía certo interesse no sacerdócio menfita de Ptah, que, no Período Ptolomaico, era responsável pelo culto aos soberanos Lágidas divinizados. Logo, os sumos-sacerdotes menfitas poderiam ser elementos concretizadores desta vontade do soberano de possuir um culto próprio. Essa visão é reforçada pelo poder de legitimação política e religiosa que o pontificado menfita exercia. No entanto, Capponi advoga que Augusto eliminou Imhotep/Padibastet IV por ver o sumo-sacerdote e a sua posição como uma ameaça ao seu poder, sugerindo que, a partir de então, o soberano tenha criado o cargo de sacerdote do culto imperial.

Consideramos plausível a ideia de Reymond (1981, p. 212), que afirma não ser justificável ignorar como uma estátua do último sumo-sacerdote menfita de Ptah foi encontrada em Cesareia, na atual Argélia. Sua hipótese de que uma parte das famílias remanescentes dos pontífices de Ptah, representada por Padibastet I, cunhado de Imhotep/Padibastet IV, teria se deslocado para Cesareia, seguindo os passos de Cleópatra Selene II, parece plausível, considerando a proximidade familiar entre esses indivíduos.

No entanto, se levarmos em conta a hipótese de Marković (2015) segundo a qual as questões familiares entre as duas linhagens de pontífices de Ptah, encabeçadas por Taneferhor, teriam atrasado, de propósito, o sepultamento de Imhotep/Padibastet IV, o seu sobrinho, a ideia de Reymond (1981) perde um pouco de força, já que coloca em xeque a esperada solidariedade entre os parentes nessas famílias tão poderosas. Pode-se contra-argumentar que Padibastet I, sendo cunhado do jovem pontífice falecido, não tinha laços de sangue tão estreitos com Taneferhor, pertencente à linhagem de Letópolis. Ainda assim, a ideia cunhada por Reymond sobre a possível migração de Padibastet I para a Mauritânia permanece válida.

Tomando em conta todas as ideias e evidências apresentadas, a perspectiva de Marković (2015), de que conflitos familiares teriam resultado no assassinato de Imhotep/Padibastet IV, parece-nos mais plausível. Por consequência, essa interpretação retira de Augusto a responsabilidade por esta morte. Augusto agiu de acordo com os seus interesses ao nomear Pasherenamun II como o novo sumo-sacerdote menfita de Ptah, derrubando de vez a poderosa família menfita/letopolitana. Ademais, estabeleceu para si um culto próprio, criando, para tanto, uma nova linhagem de sacerdotes. Nesse sentido, acreditamos que a presença da estátua de Imhotep/Padibastet IV na Mauritânia romana

possa ser explicada pela fuga de Padibastet I, cunhado do pontífice falecido, para uma região onde agentes políticos ptolomaicos encontraram relativa paz e estabilidade após esse período turbulento, como foi o caso de Cleópatra Selene II.

Referências

- CAPPONI, L. Priests in Augustan Egypt. In: RICHARDSON, J. H.; SANTANGELO, F. (ed.). *Priests and State in the Roman World*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2011, p. 505-526.
- GORRE, G. *Les relations du clergé Égyptien et des Lagides d'après les sources privées*. Leuven: Peeters, 2009.
- GORRE, G.; HONIGMAN, S. Kings, taxes and High Priests: comparing the Ptolemaic and Seleukid Policies. In: BUSSI, S. (ed.). *Egitto dai Faraoni agli Arabi*. Roma: Fabrizio Serra Editore, 2013, p. 105-119.
- LEGRAS, B. Les romains en Égypte, de Ptolomée XII à Vespasien, *Pallas*, n. 96, p. 271-284, 2014.
- LÉVY, I. Le grand-prêtre Égyptien au Musée de Cherchel. *Revue Archéologique*, v. 4, n. 22, p. 73-81, 1913.
- MARKOVIĆ, N. Death in the Temple of Ptah: the Roman conquest of Egypt and conflict at Memphis. *Journal of Egyptian History*, v. 8, p. 37-48, 2015.
- MAYSTRE, C. *Les grandes prêtres de Ptah de Memphis (OBO 113)*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1992.
- QUAEGEBEUR, J. Contribution à la prosopographie des prêtres memphites à l'époque Ptolemaïque. *Ancient Society*, v. 3, p. 77-109, 1972.
- QUAEGEBEUR, J. Documents concerning the cult of Arsinoe Philadelphos at Memphis. *Journal of Near Eastern Studies*, v. 30, n. 4, p. 239-270, 1971b.
- QUAEGEBEUR, J. Inventaire des stèles funéraires memphites d'époque ptolémaïque. *Chronique d'Égypte*, n. 48, p. 59-79, 1974.
- QUAEGEBEUR, J. Ptolomée II devant Arsinoe II divinisée. *Bulletin de l'Institut Français d'Archéologie Orientale*, n. 69, p. 191-217, 1971a.
- QUAEGEBEUR, J. The genealogy of the Memphite high priest family in the Hellenistic period. In: CRAWFORD, D. J.; QUAEGEBEUR, J.; CLARYSSE, W. (ed.). *Studies on Ptolemaic Memphis*. Louvain: Presses Universitaires de Louvain, 1980, p. 64-73.
- REYMOND, E. A. E. *From the records of a priestly family from Memphis*. Ägyptologische. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1981. v. 1.

- SALES, J. C. As cerimónias de coroação real dos Ptolomeus. Formas de reconfiguração política num país multimilenar. In: PIMENTEL, M. C.; ALBERTO, P. F. (ed.). *Vir bonvs peritissimvs aeqve*: estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, 2013, p. 307-316.
- SAUNERON, S. *The priests of Ancient Egypt*. New York: Evergreen Books, 1960.
- SELIM, H. A *naophorous* statue in the British Museum (EA 41517). *The Journal of Egyptian Archaeology*, v. 76, p. 199-202, 1990.
- SPEIDEL, M. A. "Idios Logos, Gnomon of the – Law". In: BAGNALL, R. *et al.* (ed.). *Encyclopedia of Ancient History*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2015, p. 3390-3391.
- THOMPSON, D. J. *Memphis under the Ptolemies*. New Jersey: Princeton University Press, 1988.
- VASQUES, M. S. *Crenças funerárias e identidade cultural no Egito Romano: máscaras de múmia*. 2005. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. v. 1